

Saussure, Kant e o conceito de *langue*

Alexandra Soares Rodrigues

afsr@ipb.pt

*Escola Superior de Educação de Bragança – Instituto Politécnico de Bragança
CELGA – Universidade de Coimbra (Portugal)*

A Professora Doutora Graça Pinto foi minha professora de Linguística Portuguesa I, em 1993/94, e de Psicolinguística, em 1995/96, na licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas. A Professora Graça Pinto cruzava sempre os ensinamentos destas áreas específicas com a explicitação da insegurança das ciências relativamente a muitas questões da investigação. Como tal, a Professora Graça Pinto alimentava nos alunos (naqueles que queriam receber o alimento, evidentemente) a curiosidade natural do investigador em relação ao saber, mas também ao questionar da natureza do próprio saber, desconstruindo edifícios teóricos e, muitas vezes, arrasando os alicerces. Este modo de docência, exasperante para muitos alunos, foi para mim fonte de muitas delícias, porque, em ciência, não há nada mais sublime do que o arrepio e o entusiasmo suscitados pelo desmoronamento daquilo que pensamos que sabemos.

Este artigo tem como objetivos desconstruir a interpretação do conceito de *langue* de Saussure elaborada por Seuren (2016) e propor que este conceito obedece à formulação kantiana segundo a qual o conhecimento assenta na dependência entre a *intuição sensível* e o *entendimento* de carácter *categorial* ou *conceptual*.

1- Introdução

Em qualquer ciência, é o próprio objeto de estudo que valida ou não uma determinada teoria. Deste princípio advém uma questão que tem assaltado a história da filosofia da ciência e que pode subsumir-se no confronto clássico entre empiristas e racionalistas:

Se todo o conhecimento científico advém da observação do objeto, não é, pois, suficiente para a ciência a recolha de dados dos objetos observados?

É efetivamente necessária a interpretação desses dados à luz de um sistema teórico alicerçado na generalização e na previsão?

A resposta pode ser colhida em Poincaré ([1902] 1917), a propósito de uma reflexão acerca do lugar da física na ciência, já na altura suportada amplamente no sistema matemático e na teorização pré-validação:

C'est qu'il ne suffit pas d'observer, il faut se servir de ses observations, et pour cela il faut généraliser. C'est ce que l'on a fait de tout temps [...] Mais alors ne pouvons-nous aller tout de suite jusqu'au bout ? N'est-ce pas le moyen d'échapper à ces railleries que nous prévoyons ? Ne pouvons-nous nous contenter de l'expérience toute nue ? Non, cela est impossible ; ce serait méconnaître complètement le véritable caractère de la science. Le savant doit ordonner ; on fait la science avec des faits comme une maison avec des pierres ; mais une accumulation de faits n'est pas plus une science qu'un tas de pierres n'est une maison. (p.168)

Poincaré ([1902] 1907) prossegue desambiguando o tipo de relação entre a experimentação e a teorização:

Qu'est-ce donc qu'une bonne expérience? C'est celle qui nous fait connaître autre chose qu'un fait isolé; c'est celle qui nous permet de prévoir, c'est-à-dire celle qui nous permet de généraliser. Car sans généralisation, la prévision est impossible. Les circonstances où l'on a opéré ne se reproduiront jamais toutes à la fois. Le fait observé ne recommencera donc jamais; la seule chose que l'on puisse affirmer, c'est que dans des circonstances analogues, un fait analogue se produira. Pour prévoir il faut donc au moins invoquer l'analogie, c'est-à-dire déjà généraliser. (p.169).

Poincaré introduz, assim, a necessidade de ocorrer um processo de generalização e de previsão por parte do conhecimento para que este tenha um carácter científico. De outro modo, como afirma Boudry (2013, p. 81), "science without abstract reasoning and logical inferences is just stamp-collection".

É, pois, necessário um sistema teórico para que haja ciência, uma vez que não existe ciência sem uma metodologia, baseada num raciocínio hipotético-dedutivo, que permita a construção de previsões. A questão oposta também se levanta: Pode uma teoria carecente de testabilidade através da experimentação ser uma ciência? A possibilidade de se comprovar uma teoria é condição para que haja ciência. Por este motivo, as teorias sincronicistas de Saussure formuladas no *Cours de linguistique générale* (de agora em diante, designado por nós por *Cours*) não são ainda ciência, mas teoria, pois apenas foram testadas pelos seus sucessores estruturalistas.

Aquilo que iremos observar neste artigo é o fundamento que alicerça as opções epistemológicas relacionadas com a definição de *langue* como objeto formal da linguística sincrónica. Segundo a interpretação de Seuren (2016), a *langue* de Saussure é um objeto definível através do conceito kantiano de *das Ding an sich (selbst)*. Primeiramente, analisaremos esses e outros conceitos de Kant ([1783] 1997) e ([1781/1787] 1998). Posteriormente, tendo como suporte a análise de excertos do *Cours*, refutaremos a interpretação de Seuren (2016) e proporemos que a *langue* de Saussure não é uma *Ding an sich selbst*, mas sim um conhecimento que tem como ponto de partida os mecanismos da *intuição sensível*, abordada por Kant ([1781/1787] 1998). Esta análise permite concluir que a proposta epistemológica de Saussure, necessária à construção da linguística sincrónica, especificamente, o conceito de *langue*, se encontra alicerçada em conceptualizações kantianas amplamente divulgadas ao longo do séc. XIX.

2- O *Cours de linguistique générale* e o conceito de langue: o reflexo de Kant

O *Cours*, como é amplamente sabido, não resulta da redação do próprio Saussure, mas do coligir de notas das aulas do linguista por Charles Bally e Albert Sechehaye, suportados por Albert Riedlinger, que tinha, efetivamente, assistido às lições de Saussure. Não obstante, atribui-se a Saussure aquilo que é uma reconstrução permeável às interpretações dos organizadores do volume, tomando-se o antropónimo metonimicamente.

O desenvolvimento das ciências naturais, a partir da revolução científica iniciada no século XVI, deu-se no sentido da mecanização da visão

do mundo, como assim a apelidou Dijksterhuis ([1950] 1961) (Morus, 2017; Gribbin, 2003). Esta visão mecanicista, que permitiu a construção das ciências naturais, estendeu-se ao domínio do estudo das sociedades humanas através da obra de Saint-Simon (1803). É, posteriormente, Comte (1830-1842) que sistematiza a conceção de que as sociedades humanas se encontram estruturadas por leis naturais similares às das ciências naturais, com carácter regular e invariável. Nesse pressuposto, Comte cunha o termo *physique sociale* (Iggers, 1959). Posteriormente, Taine (1870) aplica esta conceção à psicologia e Baudouin de Cortenay (1895) à linguística (Seuren, 2016, p. 19).

Também Saussure ([1916] 2005, p. 12) segue esta perspetiva mecanicista, enquanto define como uma das tarefas da linguística “[...] chercher les forces qui sont en jeu d’une manière permanente et universelle dans toutes les langues, et de dégager les lois générales auxquelles on peut ramener tous les phénomènes particuliers de l’histoire”.¹

Tanto em Taine quanto em Baudouin de Cortenay, prevalece a ideia de que o mundo real provoca impressões sensoriais no indivíduo que são assimiladas psíquica e cerebralmente. Para Taine, a capacidade de abstração do ser humano, que constrói as leis, ou seja, as categorias mentais a partir de factos, e o apoio daquela na operação da percepção, são a única forma de conhecer a “realidade”, uma vez que são necessárias a percepção e a construção de categorias para o conhecimento. Esta ideia não é inovadora no séc. XIX, uma vez que o seu *semíator* foi Kant.

De acordo com Kant ([1781/1787] 1998), a *cognição* está dependente de dois mecanismos distintos: a *sensibilidade*, ou seja, a capacidade de receber representações de objetos sensorialmente, e o *entendimento*,

¹ Apresentamos aqui algumas passagens de Saussure ([1916] 2005) que evidenciam uma conceção mecanicista da língua. Os sublinhados nas citações do *Cours*, em todo o nosso texto, são da nossa responsabilidade, salvo indicação contrária. A *langue* como mecanismo pode colher-se em: “[...] tout est psychologique dans la langue, y compris ses manifestations matérielles et mécaniques, comme les changements de sons” (p. 12); “Puis il y a le point de vue du psychologue, qui étudie le mécanisme du signe chez l’individu” (p. 23); “Si dans le phénomène de la phonation quelque chose offre un caractère universel qui s’annonce comme supérieur à toutes les diversités locales des phonèmes, c’est sans doute cette mécanique réglée dont il vient d’être question.” (p. 58); “Une langue constitue un système. [...] ce système est un mécanisme complexe” (81); “La langue est un mécanisme qui continue à fonctionner malgré les détériorations qu’on lui fait subir.” (p. 95); “Ce sont ces entités délimitées ou unités qui s’opposent dans le mécanisme de la langue.” (p. 111); “Le mécanisme linguistique roule tout entier sur des identités et des différences” (p. 116); “Si le mécanisme de la langue était entièrement rationnel, on pourrait l’étudier en lui-même ; mais comme il n’est qu’une correction partielle d’un système naturellement chaotique, on adopte le point de vue imposé par la nature même de la langue, en étudiant ce mécanisme comme une limitation de l’arbitraire.” (p. 142). De resto, recordamos que o *Cours* contém um capítulo intitulado “Mécanisme de la langue”.

definido como a capacidade de pensar os objetos da intuição sensível. Ambas as capacidades são necessárias à *cognição*.² Como veremos, esta conceção está também presente no *Cours*, pois aí se faz depender a *langue* da existência da *parole*.

Apesar de esta dependência das construções mentais em relação às impressões suscitadas sensorialmente pelo “mundo real” estar presente em Taine, Baudouin de Courtenay e Saussure, Seuren (2016, p. 21) considera que os estudos dedicados aos objetos sociais – e, especificamente, o *Cours* – desenvolvem, no séc. XIX e no início do séc. XX, uma perspetiva que resulta do afastamento relativamente ao “mundo real” e uma valorização da ação psíquica como meio de conhecimento desse mundo. De acordo com Seuren (2016, p. 21), trata-se de uma opção contrária àquela protagonizada por Franz Joseph Gall, que advogava que os processos mentais formam um sistema com os processos físicos, contrariando, assim o dualismo cartesiano.

Ainda de acordo com Seuren (2016, p. 21), os seguidores do reducionismo de Gall tomam a linguagem na sua vertente neurológica, biológica, enquanto os seguidores de Taine e de Saussure tomam a língua como *das Ding an sich (selbst)* ‘a coisa em si mesma’, conceito a que regressaremos posteriormente.

É inegável que o séc. XIX assiste à construção de dois caminhos paralelos de estudo da linguagem, que, como tal, não se cruzam, até ao aparecimento da neurolinguística, na década de 60 do séc. XX. Contudo, discordamos de Seuren na afirmação de que Saussure labora numa visão de *langue* como objeto totalmente desligado das circunstâncias empíricas.

Detenhamo-nos nas palavras de Seuren (2016):

[Saussure] failed to realise that speakers of languages have already

² Kant ([1781/1787] 1998, A51/B75, p. 193) estipula que “Our cognition arises from two fundamental sources in the mind, the first of which is the reception of representations (the receptivity of impressions), the second the faculty for cognizing an object by means of these representations (spontaneity of concepts); through the former an object is **given** to us, through the latter it is **thought** in relation to that representation (as a mere determination of the mind). Intuition and concepts therefore constitute the elements of all our cognition, so that neither concepts without intuition corresponding to them in some way nor intuition without concepts can yield a cognition.” e que “If we will call the **receptivity** of our mind to receive representations insofar as it is affected in some way **sensibility**, then on the contrary the faculty for bringing forth representations itself, or the **spontaneity** of cognition, is the **understanding**. It comes along with our nature that **intuition** can never be other than **sensible**, i.e., that it contains only the way in which we are affected by objects. The faculty for **thinking** of objects of sensible intuition, on the contrary, is the **understanding**. Neither of these properties is to be preferred to the other. Without sensibility no object would be given to us, and without understanding none would be thought.”.

made up their minds as regards the most viable world construal, which means that language cannot be understood in the abstract terms of ‘das Ding an sich’ or an unknowable value of a variable but needs, for it to be understood, acceptance of the fact that it functions in terms of reality-as-it-appears-to-us. (p. 21).

Seuren (2016) explicita o seu entendimento, afirmando a

Saussure’s insistence that any given language (‘la langue’) is of a purely psychological nature, that linguistic signs have no relation to the external world but are merely cognitive units consisting of two equally cognitive elements, a concept and an acoustic image, that a language system functions in terms of variables, not of (images of) reality, that even in actual speech the world objects referred to and the properties mentally assigned to them in the propositions expressed play no role [...] (p. 21).

Em primeiro lugar, é necessário abordar o conceito kantiano de *das Ding an sich (selbst)*, mencionado por Seuren, para compreendermos o sentido em que Seuren o utiliza.

Em segundo lugar, argumentaremos que Seuren (2016) labora numa interpretação errónea da visão de Saussure e que, efetivamente, a visão do *Cours* sobre a *langue* não é a de *Ding an sich selbst*, mas de “reality-as-it-appears-to-us”, seguindo a terminologia de Seuren, ou *realidade empírica*.

2.1- *Das Ding an sich selbst* e as capacidades de *entendimento*, *sensibilidade* e *intuição* kantianos

Começaremos por compreender em que sentido Seuren aplica a terminologia kantiana *das Ding an sich (selbst)*. Esta compreensão é premente, na medida em que o termo *das Ding an sich selbst* é, por vezes, usado como equivalente ao termo *noumenon* pelo próprio Kant e outras vezes em sentidos diferentes (Stang, 2018).

Uma das passagens em que Kant ([1781/1787]1998, A254/B310, p. 350) faz equivaler os dois termos é a seguinte: “The concept of a **noumenon**, i.e., of a thing that is not to be thought of as an object of the senses but rather as

a thing in itself (solely through a pure understanding) [...]”.

Porém, noutros passos, Kant usa a terminologia *Ding an sich selbst* como o objeto existente desprovido das condições que fazem que o sujeito o possa conhecer, ou seja, desprovido das circunstâncias de tempo e de espaço. Desse modo, a *Ding an sich selbst* não é cognoscível (Kant, [1783/1787] 1998, A239, p. 356). A *Ding an sich selbst* distingue-se das *aparências*, ou seja, dos objetos apreendidos (O termo em Kant é *intuídos*, sendo a *intuição* singular e não conceptual.) no tempo e no espaço, na medida em que as *aparências* existem na dependência da *intuição* do sujeito, ou seja, da *representação* dos objetos na mente humana, de modo consciente, com base na *sensibilidade*. O conhecimento depende, pois, da experiência.

De acordo com Kant ([1781/1787] 1998) os *conceitos* puros do *entendimento* e as *intuições* puras só são possíveis em relação a objetos sensíveis. Sem estes, os *conceitos* ficam desprovidos de significado. Se as *Dingen an sich selbst* não são intuídas, então não é possível conhecê-las, uma vez que os *conceitos* são construídos com base nas experiências, embora através do mecanismo do *entendimento*. Kant ([1781/1787] 1998, A237/B296, p. 339-340) compreende que os princípios do *entendimento* puro constituem um *esquema* para a experiência. Esses princípios, designados por *a priori*, são usados pelo *entendimento* empiricamente, mas não transcendentemente, uma vez que o uso empírico acarreta a relação com uma experiência possível. Para Kant ([1781/1787] 1998, A239/B298, p. 340), “For every concept there is requisite, first, the logical form of a concept (of thinking) in general, and then, second, the possibility of giving it an object to which it is to be related.”. Falho desta relação, o conceito, não obstante o seu carácter apriorístico, encontra-se desprovido de sentido, ainda que mantenha a sua função lógica. Como tal, segundo Kant, os *conceitos* encontram-se relacionados com dados empíricos, mesmo que sejam apriorísticos, pois, “[...] all concepts and with them all principles, however *a priori* they may be, are nevertheless related to empirical intuitions, i.e., to *data* for possible experience.” (Kant ([1781/1787] 1998, A239/B298, p. 341).³

³ Outras passagens em que Kant explicita essa dependência são, por exemplo, Kant ([1781/1787] 1998, A258/B314, p. 352): “If, therefore, we say: The senses represent objects to us **as they appear**, but the understanding, **as they are**, then the latter is not to be taken in a transcendental but in a merely empirical way [...]. With us **understanding** and **sensibility** can determine an object **only in combination**. If we separate them, then we have intuitions without

Recordamos que a *Ding an sich selbst* corresponde ao objeto não intuído. Uma vez que, para Kant, o conhecimento está dependente da *intuição*, então a *Ding an sich selbst* não é cognoscível.

Os objetos de *intuição sensível* (empírica) são designados por *aparências*. Desses objetos de *intuição* empírica constituem *phænomena* as *aparências* que, enquanto objectos, “are thought in accordance with the unity of the categories” (Kant [1781] 1998, A249, p. 347).

Kant distingue *phænomena* de *noumena*. *Noumena* são objetos do entendimento, mas que, em teoria, poderiam ser tomados por uma *intuição não sensível*. Seriam objetos para um intelecto não discursivo e não sensível e, como tal, não humano (Kant [1783]1997, pp. 67-68). Kant ([1781/1787] 1998: A249, p. 347) designa esse intelecto, postulado teoricamente, por *intuição intelectual*, distinta, pois, da *intuição sensível*. A *intuição sensível* toma o objeto se este tiver um efeito de causa sobre essa *intuição*. De acordo com Stang (2018), pelo contrário, a *intuição intelectual* faz que esse objeto exista.

Kant distingue ainda *noumena negativos* de *noumena positivos*. Os *noumena negativos* correspondem a objetos independentes da nossa forma espaço-temporal de *intuição*, ou seja, da *intuição sensível*. Consequentemente, Kant postula objetos de uma *intuição não sensível*. Estes serão os *noumena positivos*, que correspondem aos objetos de uma *intuição intelectual* e *não sensível*, como vimos em cima. De acordo com Stang (2018), os *noumena negativos* têm uma correspondência com as *Dinge an sich selbst* e os *noumena positivos* com *noumena* acima caracterizados e definidos por Kant na edição A, de 1781. Os primeiros são definidos pelo traço de não serem tomados pela *intuição sensível*; os segundos pelo traço de serem tomados por uma *intuição não sensível*.

A distinção entre *noumena negativos* e as *Dinge an sich selbst* localiza-se no âmbito do nível de existência dos objetos e no âmbito do tipo de *intuição* que pode apresentar os objetos. O conceito de *Ding an sich*

concepts, or concepts without intuitions, but in either case representations that we cannot relate to any determinate object.”; Kant ([1781/1787] 1998, A240/B299, p. 341): “Hence it is also requisite for one **to make** an abstract concept **sensible**, i.e., display the object that corresponds to it in intuition, since without this the concept would remain [...] without **sense**, i.e., without significance.”; e Kant ([1781/1787] 1998, A241/B300, p. 341): “That we cannot even define a single one of them [categorias] without immediately descending to conditions of sensibility, thus to the form of the appearances”.

selbst é necessário para a oposição entre este conceito e o conceito de *aparência*, definidos com base no traço de existência (A *Ding an sich selbst* tem existência em si mesma, enquanto a *aparência* não tem existência em si mesma.). Já o conceito de *noumenon* é necessário para a oposição entre este e o conceito de *phænomenon*, definidos com base na possibilidade ou não de serem objetos da *intuição sensível* (*Phænomena* são representados pela *intuição sensível*; *noumena* não são representados pela *intuição sensível*.). Stang (2028) esclarece que as *Dinge an sich selbst*, que possuem existência em si mesmas, não são objeto de *intuição sensível*, tal como os *noumena* negativos. A hipótese de haver objetos cognoscíveis por uma *intuição intelectual* desenha os *noumena positivos*.

Em suma, *noumena* e as *Dinge an sich selbst* não são sinónimos. *Noumena* pressupõem conhecimento, ainda que não baseado na *intuição sensível* e, por isso, um conhecimento não humano, enquanto *Dinge an sich selbst* são incognoscíveis.⁴

Trata-se, assim, de conceitos necessários para compreendermos os limites da *sensibilidade*. Não é possível representar a possibilidade de ocorrer conhecimento do objeto através de uma *intuição* que não se desse através da *sensibilidade*, sendo esta a capacidade de receber representações de objetos e a única base para a *intuição*. A *sensibilidade* não é, contudo, suficiente, para se operar o conhecimento. É justamente nisto que reside a síntese que Kant constrói entre empirismo e racionalismo. O *entendimento* representa objetos indiretamente através dos *conceitos*, enquanto a *sensibilidade* representa objetos diretamente através da *intuição*.

2.3- É a *langue* de Saussure uma *Ding an sich selbst*?

Seuren (2016, p. 21) apoda a *Ding an sich* a que se refere como “unknowable”. Como tal, está a usar o termo de modo distinto de *noumenon*, uma vez que este é cognoscível (ainda que não pela mente humana). Seuren pressupõe, então, que Saussure opere uma conceção de *langue* como uma *Ding an sich (selbst)*, ou seja, um objeto não cognoscível, porque não considerado sob a forma espaço-temporal da *intuição*. Seuren

⁴ Deixamos de lado a interpretação de que, se sabemos que as *Dinge an sich selbst* são incognoscíveis, então já sabemos algo sobre as mesmas, pelo que, afinal, não são incognoscíveis. Veja-se Palmquist (1985) para a argumentação e a contra-argumentação deste tópico.

rejeita, assim, que a conceção de *langue* de Saussure enforme esta como ancorada na *reality-as-it-appears-to-us*.

A questão que colocamos é a seguinte:

Saussure dimensiona a *langue* como um objeto não cognoscível, seguindo, assim, um dos postulados teóricos (mas não inerentes ao conhecimento) de Kant, como quer Seuren, ou, pelo contrário, a conceção de Saussure exemplifica, porque corrobora, a relação que Kant postula entre a experiência da *realidade empírica (reality-as-it-appears-to-us)* e o conhecimento?

Para compreendermos qual das soluções se adequa a uma descrição do pensamento de Saussure, é necessário imergirmos no *Cours*, para nos determos na conceção de *langue*.

O esquema apresentado em Saussure ([1916] 2005, p. 18) que representa o circuito da fala, explicitando a audição e a fonação, mostra que a *langue*, não obstante ser um sistema psíquico, está dependente de objetos e de mecanismos sensíveis (“parties physiques (ondes sonores)” e “physiologiques (phonation et audition)”⁵. Esses objetos sensíveis não se confundem com os objetos psíquicos (“images verbales et concepts”). Contudo, os primeiros são necessários à existência dos segundos. Em Saussure ([1916] 2005, p. 19) estabelece-se que o processo linguístico requer ainda uma “*faculté d’association et de coordination, qui se manifeste dès qu’il ne s’agit plus de signes isolés ; c’est cette faculté qui joue le plus grand rôle dans l’organisation de la langue en tant que système.*”. Assim, de acordo com Saussure, é essa faculdade de associação e de coordenação que é responsável pelo carácter social da *langue*. Leiamos Saussure ([1916] 2005):

C’est par le fonctionnement des facultés réceptive et coordinative, que se forment chez les sujets parlants des empreintes qui arrivent à être sensiblement les mêmes chez tous. Comment faut-il se représenter ce produit social pour que la langue apparaisse parfaitement dégagée du reste ? Si nous pouvions embrasser la somme des images verbales

⁵ Saussure não utiliza o termo *sensível*. Optámos por utilizá-lo nesta secção para que consigamos manter a linha de pensamento condutora entre Kant e Saussure. *Sensível* é por nós usado como equivalente a “captável pela sensação”.

emmagasinées chez tous les individus, nous toucherions le lien social qui constitue la langue. C'est un trésor *déposé par la pratique de la parole* dans les sujets appartenant à une même communauté, un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau, ou plus exactement dans les cerveaux d'un ensemble d'individus ; car la langue n'est complète dans aucun, elle n'existe parfaitement que dans la masse." (p. 19).

Neste excerto, sobejamente conhecido, sublinhamos a ideia de que é a prática da fala que deposita o conjunto das imagens verbais no conjunto das mentes dos falantes. Os objetos psíquicos da *langue*, que são as imagens verbais, apenas se encontram nas mentes dos falantes devido à prática da fala, ou seja, devido a objetos e mecanismos de ordem sensível que são alvo de receção por parte dos indivíduos. Esta aceção está, quanto a nós, em harmonia com a conceção de Kant sobre o conhecimento, necessariamente assente na *intuição sensível*, e não com a sua conceção de *Ding an sich selbst*. Para sustentarmos mais solidamente a nossa afirmação, analisaremos outros excertos do *Cours*.

Nesses excertos, Saussure vinca o carácter concreto da *langue* e dos signos linguísticos, apodando estes de tangíveis, reais e concretos.⁶ Servindo-se do símile com o expresso "Genève-Paris 8 h. 45 du soir", Saussure ([1916] 2005, p. 117) enfatiza que a entidade *langue* está dependente de elementos concretos, tal como a entidade do comboio o está, ainda que as circunstâncias particulares da locomotiva, dos passageiros, etc. sejam variáveis. Contudo, essa variação não é suficiente para anular a constância da entidade expresso "Genève-Paris 8 h. 45 du soir", que está dependente de fatores materiais.⁷

O carácter concreto que Saussure atribui à *langue* e aos signos

⁶ Saussure ([1916] 2005, p. 21) afirma que "*La langue n'est pas moins que la parole un objet de nature concrète, et c'est un grand avantage pour l'étude. Les signes linguistiques, pour être essentiellement psychiques, ne sont pas des abstractions ; les associations ratifiées par le consentement collectif, et dont l'ensemble constitue la langue, sont des réalités qui ont leur siège dans le cerveau. En outre, les signes de la langue sont pour ainsi dire tangibles [...]*" e ainda (Saussure [1916] 2005, p. 111) que "*Les signes dont la langue est composée ne sont pas des abstractions, mais des objets réels ; ce sont eux et leurs rapports que la linguistique étudie ; on peut les appeler les entités concrètes de cette science.*"

⁷ Saussure ([1916] 2005, p. 117): "[...] pareillement, ce qui fait l'express, c'est l'heure de son départ, son itinéraire et en général toutes les circonstances qui le distinguent des autres express. Toutes les fois que les mêmes conditions sont réalisées, on obtient les mêmes entités. Et pourtant celles-ci ne sont pas abstraites, puisqu'une rue ou un express ne se conçoivent pas en dehors d'une réalisation matérielle."

linguísticos, por estarem dependentes de objetos materiais, é obliterado pela reinterpretação do *Cours* levada a cabo por Seuren (2016).

É verdade que Saussure concebe, a par das entidades concretas, entidades abstratas na *langue*. Essas entidades abstratas compreendem as relações associativas e as relações sintagmáticas. É de salientar, no entanto, que são as relações que possuem carácter abstrato e não os materiais que servem de fundamento à construção dessas relações. Segundo o *Cours*, nas relações associativas, constituidoras, por exemplo, de paradigmas morfológicos, ocorre uma abstração. Por exemplo, a categoria “genitivo” implica a associação entre morfemas que realizem o genitivo. Essa categoria decorre de associações estabelecidas na mente do falante a um nível de abstração. Contudo, como Saussure evidencia, essas associações, sendo abstratas, decorrem da análise de elementos concretos.⁸

Também as relações sintagmáticas, ainda que abstratas, têm assento em unidades concretas.⁹

A *langue*, enfatiza Saussure ([1916] 2005, p. 134), não é abstrata e está dependente da ocorrência de numerosos atos concretos para que tenha existência nas mentes dos falantes.¹⁰ Esses atos concretos, que constituem o domínio da *parole*, são necessários para que ocorra *langue*, quer do ponto de vista do indivíduo, quer do ponto de vista histórico de um idioma. Sem a *parole*, os indivíduos não estariam sujeitos a espécimes particulares que lhes imprimissem na mente a gramática que é a *langue*, logo, esta não poderia estar armazenada nas mentes dos falantes e, conseqüentemente, tendo em conta o seu carácter psíquico social, não existiria.¹¹

Esta dependência da *langue*, enquanto entidade psíquica social, em relação aos objetos concretos e materiais (a *parole*) é bem vincada ao

⁸ Saussure ([1916] 2005, p. 147-148), após exemplificar as relações associativas, acrescenta que “*Toutes ces choses* [as relações associativas] *existent dans la langue, mais à titre d’entités abstraites* ; leur étude est difficile, parce qu’on ne peut savoir exactement si la conscience des sujets parlants va toujours aussi loin que les analyses du grammairien. Mais *l’essentiel est que les entités abstraites reposent toujours, en dernière analyse, sur les entités concrètes. Aucune abstraction grammaticale n’est possible sans une série d’éléments matériels qui lui sert de substrat, et c’est toujours à ces éléments qu’il faut revenir en fin de compte.*”

⁹ Saussure ([1916] 2005, p. 148) estabelece: “*Mais si l’ordre des mots est incontestablement une entité abstraite, il n’en est pas moins vrai qu’elle ne doit son existence qu’aux unités concrètes qui la contiennent et qui courent sur une seule dimension. Ce serait une erreur de croire qu’il y a une syntaxe incorporelle en dehors de ces unités matérielles distribuées dans l’espace.*”

¹⁰ Saussure ([1916] 2005, p. 134) afirma: “*En effet, comme il n’y a rien d’abstrait dans la langue, ces types n’existent que si elle en a enregistré des spécimens suffisamment nombreux.*”

¹¹ Utilizamos a terminologia do *Cours* com o intuito de não incorreremos no risco de anacronismos, acarretados, necessariamente, por uma terminologia que mais adequadamente descrevesse o mentalismo da linguagem.

longo do *Cours*. Sem *parole*, ou seja, sem estar sujeito a inumeráveis atos concretos de fala, o indivíduo não aprende a sua língua materna, nem institui na sua mente as relações, que perfazem os signos linguísticos, entre uma imagem acústica e um conceito. Não obstante essa dependência entre a entidade psíquica social que é a *langue* e os objetos materiais, sensíveis, que constituem a *parole*, Saussure, opera, no entanto, a separação epistemológica que funda a teoria que alicerça a linguística sincrónica.¹²

Analisadas estas passagens do *Cours*, podemos responder à pergunta lançada anteriormente: A oposição *langue vs. parole* operada por Saussure e a eleição da *langue* como objeto formal da linguística sincrónica mostram que Saussure enforma a *langue* como uma *Ding an sich selbst* kantiana, como pretende Seuren (2016), ou, pelo contrário, a conceção de *langue* mostra que o linguista não hiatiza a *langue* em relação ao mundo sensível, concebendo, antes, aquela como dependente de objetos materiais para a sua consolidação mental?

A análise do *Cours* aponta que a conceção de *langue* segue, não a *Ding an sich selbst*, mas a visão de Kant (1781/1787] 1998, A251, p. 348) de que “Sensibility and its fields, namely that of appearances, are themselves limited by the understanding, in that they do not pertain to things in themselves, but only to the way in which, on account of our subjective constitution, things appear to us.”. A *langue* está dependente da *parole*, ou seja, de espécimes reais, tal como aparecem ao indivíduo por meio da *sensibilidade*.

Os conteúdos dos excertos que aqui se encontram selecionados não são esporádicos no *Cours*. A seleção destes excertos obedece, apenas, a uma necessidade de economia de espaço. Salientamos, não obstante, que analisámos inteiramente o *Cours* e não encontramos nenhuma passagem que pudesse indiciar a conceção de *langue* como *Ding an sich selbst*.

¹² Que Saussure ([1916] 2005, p. 25) está bem consciente de que a separação *langue /parole* é apenas epistemológica e não ontológica é salientado na seguinte passagem: “L'étude du langage comporte donc deux parties : l'une, essentielle, a pour objet la *langue*, qui est sociale dans son essence et indépendante de l'individu ; cette étude est uniquement *psychique* ; l'autre, secondaire, a pour objet la partie individuelle du langage, c'est-à-dire la *parole* y compris la phonation : elle est *psychophysique*. Sans doute, ces deux objets sont étroitement liés et se supposent l'un l'autre : la *langue* est nécessaire pour que la *parole* soit intelligible et produise tous ses effets ; mais celle-ci est nécessaire pour que la *langue* s'établisse ; historiquement, le fait de *parole* précède toujours. Comment s'aviserait-on d'associer une idée à une image verbale, si l'on ne surprenait pas d'abord cette association dans un acte de *parole* ? D'autre part, c'est en entendant les autres que nous apprenons notre *langue* maternelle ; elle n'arrive à se déposer dans notre cerveau qu'à la suite d'innombrables expériences. Enfin, c'est la *parole* qui fait évoluer la *langue* : ce sont les impressions reçues en entendant les autres qui modifient nos habitudes linguistiques. Il y a donc interdépendance de la *langue* et de la *parole* ; celle-là est à la fois l'instrument et le produit de celle-ci. Mais tout cela ne les empêche pas d'être deux choses absolument distinctes.”.

Após a exposição destes excertos, que esperamos suficientemente demonstrativos da consciência de Saussure sobre a dependência da entidade psíquica em relação aos objetos materiais, apontamos ainda que todo este excursus seria, afinal, desnecessário para derrubar a afirmação de Seuren. Bastaria concentrarmo-nos no termo “unknowable” com que apoda este autor a *Ding an sich (selbst)*. Se, efetivamente, este conceito kantiano pressupõe o traço “incognoscível”, o mesmo não se aplica à *langue* definida por Saussure. Assim, a *langue* de Saussure não é *Ding an sich selbst* por duas razões: não é incognoscível e está sujeita ao processo de cognição pela *intuição sensível*.

Apesar de a operação da oposição *langue vs. parole*, servindo a delimitação da linguística como ciência que usa uma metodologia sincrónica, conduzir à seleção da *langue* como objeto formal da linguística, em detrimento da *parole*, na verdade, Saussure faz depender a existência da *langue*, ou seja do sistema psíquico social, da exposição dos falantes aos atos particulares, materiais e variáveis da *parole*. A *langue* não, está, pois, afastada do mundo tangível, mas antes decorre da *reality-as-it-appears-to-us* ou *realidade empírica*. O ponto *as-it-appears-to-us* é relevante, na medida que Saussure enfatiza a dependência da construção da *langue* relativamente aos mecanismos sensoriais e motores responsáveis pela receção e pela produção.

Sendo assim, por que motivo opera Saussure a dicotomia *langue vs. parole* e rejeita a segunda como objeto da linguística sincrónica? Porque, recuperando Poincaré ([1902] 1907, p. 168), citado no início do nosso texto, “Le savant doit ordonner ; on fait la science avec des faits comme une maison avec des pierres ; mais une accumulation de faits n’est pas plus une science qu’un tas de pierres n’est une maison”.

Relembrando Boudry (2013, p. 81), também citado anteriormente, “science without abstract reasoning and logical inferences is just stamp-collection”. Saussure afirma a necessidade de a linguística se definir a si própria e, como tal, opera o recorte epistemológico a partir do objeto material. De outro modo, restariam apenas amontoados de dados não organizados cientificamente.

3- Conclusão

Após termos avaliado a proposta de Seuren (2016) de acordo com a qual Saussure concebe a *langue* como um objeto afastado da *reality-as-it-appears-to-us* e como uma *Ding an sich (selbst)* kantiana, concluímos que a proposta de Seuren não tem fundamento, se analisarmos cuidadosamente o *Cours de linguistique générale*.

Por um lado, situando-se a sua abordagem numa visão mecanicista dos objetos humanos, Saussure tem de aportar à *langue* carácter social, pois é no âmbito da sociedade que é possível, à luz da epistemologia da época, edificar um objeto formal de uma ciência social, determinando as leis (a gramática do jogo, usando o símile do jogo de xadrez) que regulam invariavelmente (segundo a visão mecanicista da ciência) esse objeto.

Por outro lado, ao longo da obra, está patente a consciência de Saussure de que a *langue*, sendo um sistema psíquico social, resulta num conhecimento que só pode ser construído através da experiência, por parte dos falantes, individualmente, de entidades particulares localizadas no “mundo real”, ou, usando a terminologia de Kant, através da *intuição sensível*. Saussure, ao eleger a *langue* como objeto formal da linguística sincrónica e ao rejeitar a *parole*, não nega a permeabilidade da primeira em relação à *realidade empírica*. Saussure apenas faz o recorte epistemológico necessário à cientificação da linguística sincrónica. Esse recorte é artificial e permite converter o “mundo real” em categorias representáveis à cognição científica.

Deve neste momento ficar evidente por que motivo elegi Saussure para homenagear a Professora Doutora Graça Pinto, não tendo sido ela minha professora de Introdução aos Estudos Linguísticos: porque a relação entre a dependência das categorias mentais relativamente à experiência dos estímulos, ou dos objetos sensíveis, foi um dos numerosos aspetos sobre os quais tive o prazer de refletir através dos ensinamentos da caríssima Professora.

REFERÊNCIAS

- Baudouin de Cortenay, J. (1895). *Versuch einer Theorie phonetischer Alternationen. Ein Kapitel aus der Psychophonetik*. Strassburg: Commissionsverlag von Karl J. Trübner.
- Boudry, M. (2013). Loki's Wager and Laudan's error: on genuine and territorial demarcation. In M. Pigliucci & M. Boudry, (Eds.), *Philosophy of pseudoscience: reconsidering the demarcation problem* (pp. 79-100). Chicago/London: The University of Chicago Press.
- Comte, A. (1830-1842). *Cours de philosophie positive*. Paris: [vários editores], 6 vols.
- Dijksterhuis, E. J. ([1950] 1961). *The mechanization of the world picture* (Trad. de *Mechanisering van het wereldbeeld*, Amsterdam). Oxford: At the Clarendon Press.
- Gribbin, J. (2003). *Science: a history*. London: Penguin Books.
- Iggers, G. G. (1959). Further remarks about early uses of the term "Social Science". *Journal of the History of Ideas*, 20(3), 433–436.
- Kant, I. ([1781/1787] 1998). *Critique of pure reason* (Trad. de *Kritik der reinen Vernunft*). Ed. P. Guyer & A. W. Wood. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kant, I. ([1783] 1997). *Prolegomena to any future metaphysics that will be able to come forward as science* (Trad. de *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*). Ed. Gary Hatfield. Cambridge: Cambridge University Press.
- Morus, I. R. (2017). *The Oxford illustrated history of science*. Oxford: Oxford University Press.
- Palmquist, S. (1985). The radical unknowability of Kant's 'Thing in Itself'. *Cogito*, 3(2), 101–115.
- Poincaré, H. ([1902] 1917). *La science et l'hypothèse*. Paris: Ernest Flammarion, Éditeur.
- Saint-Simon, H. (1803). *Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporains*. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k833303/f2.image>
- Saussure, F. ([1016] 2005). *Cours de linguistique générale* (Ed. de C. Bally & A. Sechehaye, avec la col. de A. Riedlinger). Genève: Arbre D'Or.
- Stang, N. F. (2018). Kant's Transcendental Idealism. In E. N. Zalta (Ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em <https://plato.stanford.edu/archives/win2018/entries/kant-transcendental-idealism/>
- Taine, H. (1870). *De l'intelligence*. Paris: Hachette. 2 vols.